

Fernando Molica

Vidas que tropeçam na poesia

As 428 páginas de “Poeta chileno” (Companhia das Letras), romance de Alejandro Zambra, não tratam de catástrofes, violência ou corrupção na política; seus personagens não são celebridades, jogadores de hóquei ou patinadores. O livro mostra gente comum, pessoas que têm amores, sonhos e frustrações — não muito originais — personagens que nos levam a uma leitura densa, simples, divertida e emocionante.

O mote do romance é a história de amor de dois jovens, Carla e Gonzalo, namorados na adolescência que reiniciam uma relação nove anos depois do rompimento. Isso não é um spoiler: na página 43, o narrador, machadianamente, dirige-se ao leitor, avisa do futuro reatamento, e justifica: “(...) é graças a esse reencontro que esta história alcança a quantidade necessária de páginas para ser considerada um romance”.

A graça do livro, assim como de tantas grandes obras de ficção, não é bem seu enredo, mas a maneira como a história é contada. Zambra transforma seus protagonistas em adolescentes como fomos ou gostaríamos de ter sido, cheios de dúvidas e certezas; em jovens adultos enrolados, atolados em questões amorosas e profissionais.

Lá pela página 60, “Poeta chileno” ganha um novo personagem, Vicente, filho de uma relação anterior de Carla. O garoto passa então a ter um papel decisivo, a gerar diversas e lindas questões sobre descobertas, prazeres, erros e paternidade.

O tal poeta citado no título é mais uma referência genérica à quantidade de jovens (Gonzalo e Vicente entre eles) que se dedicam ao gênero literá-

rio. País onde nasceram os poetas Gabriela Mistral e Pablo Neruda, ambos vencedores do Nobel de Literatura, o Chile apertada entre os Andes e o Pacífico muitos e muitos candidatos ao tricampeonato (“Somos bicampeões na copa do mundo de poesia”, frisa outro personagem).

A palavra poeta estampada na capa deve ser lida mais como sinônimo de uma espécie de compromisso dos personagens com uma permanente juventude. E aí não vai uma crítica, um comentário à eventual falta de amadurecimento e de responsabilidade dos que passeiam pelas páginas, mas um elogio à capacidade que têm de não perderem o encanto e a disposição de encararem novos desafios e amores.

O compromisso com a poesia é assim um pacto com a vida, de busca de um verso que melhor traduza o encantamento e a supresa. Uma procura que nem sempre será bem sucedida; na escrita ou na vida o risco de tropeços é grande, a chance de glória, muito menor. Mas, admite Gonzalo, quem já publicou um livro de poesia jamais deixará de ser poeta — uma sina e também um caminho de salvação e consolo.

Ao longo do livro, os personagens mantêm a esperança, a expectativa, a vontade de viver uma vida legal. Preservam a delicadeza de deixar transbordar carinho num simples encontro de padastro com enteado, um chope capaz de superar dores, bolas na trave, silêncios pretéritos e expectativas frustradas, e que talvez apon-te para um futuro. Como escreveu Aldir Blanc, os personagens insistem na juventude — o jeito é pedir mais uma rodada.

Tales Faria

Como dona Flor, Hugo Motta pauta a semana para seus dois maridos

O presidente da Câmara, Hugo Motta (República-PB), está como a Flor, personagem de Jorge Amado que dividia seus dotes entre dois maridos.

De um lado, o presidente da Câmara acena com seus dotes ao governo. De outro, se entrega e faz favores ao Progressistas, seu partido, que jura não integrar o centrão do Congresso, mas vota com esse agrupamento a maior parte das vezes. Como o centrão e o próprio Hugo Motta, o Progressistas ora está de um lado, ora de outro.

A aprovação, ainda nesta semana, do acordo entre o Mercosul e a União Europeia é o aceno da vez de Motta para o governo. Mas, para desespero do Palácio do Planalto, o presidente da Câmara também virou-se para o Progressistas naquilo que menos agrada ao governo: anunciou o deputado Guilherme Derrite (Progressistas-SP) novamente relator do Projeto de Lei Antifacção.

Como relator, quando aprovado pela primeira vez na Câmara, Derrite alterou de tal forma o projeto enviado pelo governo que o Palácio do Planalto chegou a declará-lo completamente “desfigurado”.

No Senado, os governistas e o novo relator, Alesandro Vieira (MDB-SE), derrubaram o texto de Derrite. Aprovaram uma versão que não retira da União o poder de influir na área de segurança dos estados. Mas o texto teve que voltar à Câmara e Hugo Motta devolveu a Derrite. Como dona Flor, entregou-se aos seus dois maridos. Talvez três - ou não se sabe quantos - porque um deles, como o Vadinho do romance de Jorge Amado, tem seus amantes.

Motta deu ao presidente nacional do Progressistas, o deputado Marcos Pereira (SP), a relatoria do acordo entre União Europeia e Mercosul. O deputado é da ala mais próxima ao governo dentro do partido e, quando ministro da Indústria e Comércio, estabele-

ceu laços com o empresariado paulista, que está muito interessado no acordo com os europeus.

No meio do caminho entre seus dois ou três amores - ou sabe-se lá quantos - Hugo Motta havia dado ao relator da PEC (Proposta de Emenda Constitucional) da Segurança, deputado Mendonça Filho (União-PE), o prazo até o Carnaval de fechar um texto de consenso entre os partidos. Mendonça não conseguiu, e o presidente da Câmara adiou a votação que estava prevista para esta semana.

Bom para o governo, que reclama de vários pontos da proposta do relator: as mudanças no SUSP (Sistema Único de Segurança Pública) e a destinação de mais recursos aos estados por meio de fundos nacionais, assim como a proposta de um plebiscito sobre a redução da maioria penal para 16 anos.

O casamento de Motta com o governo ainda não está plenamente consumado. Será posto à prova neste ano nas eleições municipais, na indicação do representante da Câmara como ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) e na tramitação dos projetos de derrubada da escala 6x1 e da tarifa zero para transporte público no país.

Na Paraíba, Motta quer o apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a seu pai, que é candidato ao Senado contra Veneziano Vital do Rego (MDB). Só durante a campanha se saberá, de fato, quem está do lado de quem.

Na eleição do ministro do TCU, também durante a campanha é que se será revelado com qual dos seus “maridos” Hugo Motta ficou. Quando candidato ao comando da Câmara, ele prometeu a vaga a Odair Cunha (PT-MG). Mas o centrão tem dois candidatos, Hugo Leal (PSD-RJ) e Danilo Forte (União). A votação é feita no plenário da Casa e até Arthur Lira (PP-AL) ameaça concorrer.

Terceirização cara, remédio em falta

A decisão da Prefeitura de Campinas de terceirizar o armazenamento e a distribuição de medicamentos da rede municipal de saúde, por quase R\$ 20 milhões em três anos, deveria ter como objetivo central garantir eficiência, regularidade e segurança no abastecimento dos 68 Centros de Saúde da cidade. No entanto, desde que a empresa contratada assumiu a operação, em dezembro, o que se acumula são relatos de desabastecimento e dificuldades enfrentadas por pacientes que dependem do SUS para tratamentos contínuos.

A gestão pública tem o direito, e muitas vezes a necessidade, de contratar serviços especializados. A terceirização nos serviços essenciais como a saúde deve ser feita com muito cuidado para representar modernização logística, racionalização de custos e melhoria no controle de estoques. Quando um contrato dessa magnitude não se traduz em resultado concreto na ponta, é dever do poder público prestar esclarecimentos objetivos à população.

Não se trata de um detalhe administrativo. Medicamentos como insulina, anti-hipertensivos, antibióticos e fármacos de uso contínuo não são itens acessórios. São essenciais para a manutenção da vida e para o controle de doenças crônicas. Quando faltam, o impacto recai diretamente sobre pessoas que não têm alternativa no merca-

do privado ou que simplesmente não podem interromper o tratamento.

A justificativa oficial aponta para um período de transição logística entre o antigo almoxarifado e o novo modelo de distribuição. Transições exigem planejamento prévio justamente para evitar rupturas. Se falhas eram previsíveis, deveriam ter sido mitigadas antes do início da operação. Se não eram, cabe transparência sobre o que deu errado e quais medidas estão sendo adotadas para corrigir o problema.

Um contrato de quase R\$ 20 milhões impõe responsabilidade proporcional. A sociedade precisa saber quais metas foram estabelecidas, quais indicadores estão sendo monitorados e quais penalidades estão previstas em caso de descumprimento. A fiscalização do Legislativo e dos órgãos de controle também se torna ainda mais relevante diante de um serviço que impacta diretamente a saúde pública.

Mais do que uma disputa política, o que está em jogo é a confiança da população no sistema municipal de saúde. O acesso regular a medicamentos é parte fundamental do direito constitucional à saúde. Garantir que a logística funcione não é favor, é obrigação.

Se a terceirização foi a escolha da gestão, que ela entregue o resultado prometido. A cidade não pode conviver com a contradição entre contratos milionários e prateleiras vazias.

Opinião do leitor

Carnaval

Muitos dizem que o ano começa depois do carnaval. Não por menos, depois das festas do Momo acontece o momento de reflexão espiritual, para melhorar o que se deve fazer para não apenas os próximos meses, como também para a vida.

Carlos José Linhares
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Níomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrick.bertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.